



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE  
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE



## **49º CONSELHO DIRETOR**

### **61ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL**

*Washington, D.C., EUA, 28 de setembro a 2 de outubro de 2009*

---

CD49/DIV/1 (Port.)  
ORIGINAL: PORTUGUÊS

**DISCURSO DE ABERTURA**  
**DO SENHOR MINISTRO DE ESTADO DA SAÚDE**  
**DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**DR. JOSÉ GOMES TEMPORÃO**

**DISCURSO DE ABERTURA  
DO SENHOR MINISTRO DE ESTADO DA SAÚDE  
DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
DR. JOSÉ GOMES TEMPORÃO**

**49º CONSELHO DIRETOR  
Washington, D.C., EUA, 28 de setembro de 2009**

Dra. Mirta Roses, Diretora da Organização Pan-Americana da Saúde; Excelentíssimas senhoras e senhores Ministros da Saúde da região das Américas; Excelentíssimas senhoras e senhores Embaixadores dos países da região das Américas; Senhoras e senhores delegados;

Bom dia.

É para mim um grande prazer saudá-los na abertura desta sessão do Conselho Diretor da OPAS, na qualidade de Presidente do 48º Conselho Diretor da OPAS. Quero aproveitar essa oportunidade de dirigir-me a este corpo diretivo para tecer algumas considerações a respeito dos eventos do último ano e de sua relação com a agenda da 49ª Sessão do CD da OPAS que ora toma início.

Serei breve.

O ano de 2009 é em muitos aspectos um ano atípico. Desde o final do ano passado, vivemos uma grave crise econômica mundial, provocada pela *débâcle* dos centros financeiros do mundo desenvolvido, que afetou profundamente nossa região, embora de maneira diferenciada entre os países. Assim como em Saúde, a cooperação entre os países é fundamental para que a recuperação ora ensaiada seja sustentável.

Passamos também a vivenciar a pandemia da influenza A, associada ao vírus H1N1, que impacta de forma significativa nossos sistemas de saúde, e de praticamente todo o planeta, sem que saibamos ao certo como evoluirá essa ameaça.

A atenção do público tem se concentrado nesses dois temas, mas cabe a nós não deixar o mundo esquecer que já ultrapassamos mais de metade do prazo para a conclusão dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, e ainda não temos solução definitiva para as conseqüências da pobreza para a saúde de nossas populações.

O surgimento de uma crise financeira e a decorrente preocupação dos Estados e de atores-chave em superá-la tira o foco sobre as mazelas das

populações menos favorecidas. Resultam dessa constatação a redução dos recursos para iniciativas de cooperação internacional.

Como consequência desse quadro, há impactos significativos nos determinantes sociais da saúde e na capacidade dos Estados em oferecer serviços razoáveis de atenção básica à saúde. A OPAS, como outros organismos multilaterais, é o espaço ideal para a realização do debate sobre o fortalecimento de estratégias regionais ou globais de atendimento a essa premissa, como a estratégia para o fortalecimento das redes de prestação de serviços de atenção básica.

Diretamente associada às condições de pobreza, estão os efeitos da prevalência de doenças negligenciadas nos países em desenvolvimento. Sobre este aspecto, em particular, giram duas questões fundamentais: o acesso das populações desses países a produtos que atendam às suas especificidades de saúde, sobretudo, no que tange às doenças que os afetam de forma desproporcional, e o fortalecimento das capacidades de vigilância, controle e eliminação de doenças infecciosas.

Tenho a convicção de que, ao adotar e implementar estratégias voltadas à construção dessas capacidades, ao fortalecimento dos sistemas de pesquisa e desenvolvimento de nossos países e do fortalecimento dos mecanismos atuais de compras conjuntas de vacinas, medicamentos e outros insumos, estaremos proporcionando condições mais justas e equânimes de vida e de saúde, em particular, para nossas sociedades.

Cabe acrescentar a importância da manutenção e institucionalização de centros de referência, como a BIREME, como instrumento de difusão do conhecimento e promoção do acesso, não somente na região, mas como modelo para todo o mundo.

Na mesma medida, a pandemia da influenza A(H1N1) mostrou que não estamos sozinhos e que só de maneira concertada superaremos desafios de escala global. Com a ampliação do acesso aos meios de transporte e com o crescente incremento na circulação de bens e pessoas, estaremos cada vez mais vulneráveis a surtos dessa natureza.

Não podemos, no entanto, fechar nossas fronteiras ou tentar limitar esses fluxos. A saída para essas situações está em nos prepararmos para sua ocorrência, traduzida no fortalecimento de nossos sistemas de vigilância epidemiológica e de nossa capacidade de resposta a esses eventos. Ao meu ver, instrumentos multilaterais, como o RSI, e estratégias como a de saúde e turismo devem oferecer as ferramentas de precisamos para esse enfrentamento.

Finalmente, ainda que a OPAS não seja o foro específico para o tratamento do tema, não podemos deixar de conferir a atenção devida às mudanças climáticas. No presente, não está claro até onde essas alterações afetarão o planeta Terra como um todo, mas já são perceptíveis graves efeitos sobre os regimes climáticos de várias regiões do mundo, com conseqüências calamitosas para a saúde.

A ampliação na freqüência e força de eventos meteorológicos, o agravamento da seca, do frio e do calor em várias regiões do globo, e a ampliação da escala de desastres naturais impactarão de forma significativa a capacidade de resposta de nossos sistemas de vigilância e atenção à saúde. É preciso adotar medidas de mitigação das mudanças climáticas sem descuidarmos da segurança e capacidade de nossos hospitais e sistemas de saúde para lidar com os desastres que virão a ocorrer.

Senhoras e senhores, quero registrar, em particular, o compromisso do Brasil na construção e na adoção dessas estratégias. Meu país está engajado com o incremento do multilateralismo e à cooperação Sul-Sul como medidas de promoção do acesso das populações menos favorecidas a melhores instrumentos de atendimento às suas particularidades em matéria de saúde.

Apesar da nossa capacidade incipiente, e para atender também a apelo da Diretora Geral da OMS, feito durante a última Assembléia Mundial da Saúde em Genebra, em maio passado, meu Governo concordou participar da iniciativa anunciada pelo Governo norte-americano em 17 de setembro passado, e doará parte da nossa produção nacional de vacinas contra a influenza A(H1N1) à OMS, para ajudar os países mais vulneráveis.

O Brasil acredita fortemente no papel da OPAS como foro de debate e de coordenação para a formulação de iniciativas comuns para o fortalecimento das capacidades regionais de enfrentamento das doenças que nos afligem. A OPAS é ator-chave na promoção e na difusão de conhecimentos, práticas e tecnologias que, intercambiadas, criarão as condições ideais para a superação de nossas deficiências, e o Conselho Diretor é a instancia basal para este intercâmbio.

É preciso, recordar, no entanto, que a OPAS, como todo organismo internacional, é motivado pela demanda de seus Estados-membros. Recordemos, também, que nenhuma ação acordada em conjunto será efetiva sem o comprometimento individual de cada Governo em sua implementação. Isto é, no final das contas, a responsabilidade pela mudança cabe a cada um de nós.

Desejo muito sucesso ao próximo Presidente do Conselho Diretor na condução desta sessão e agradeço novamente pela oportunidade do Brasil ter podido estar à frente deste corpo diretivo.

Bom trabalho e obrigado!

- - -